

# Trânsitos, travessias e transições: corpo e espaço na literatura ibero-americana

**Helder Thiago Maia**  
**Lívia Maria de Freitas Reis**  
**Mário Lugarinho**

*Universidade de São Paulo*  
*Universidade Federal Fluminense*  
*Universidade de São Paulo*

*La lutte sociale ne peut se réduire à la lutte de deux  
idéologies rivales : c'est la subversion de toute idéologie  
qui est en cause.*

Roland BARTHES, *Le plaisir du texte*

Fronteiras territoriais são ficções políticas naturalizadas que produzem identidades nacionais, pertencimentos, exclusões, violências e hierarquias. Poucas vezes a atividade da crítica literária ultrapassou as fronteiras nacionais, mas Manuel Puig pode ser tão brasileiro quanto Clarice Lispector, Machado de Assis pode ser tão português quanto Fernando Pessoa e Nestor Perlongher pode ser tão chileno quanto Pedro Lemebel. Se hoje é consenso que a nação é uma comunidade imaginada, como preconizou Benedict Anderson<sup>1</sup>, a crítica e o cânone literário ainda são territoriais e

---

1. ANDERSON, Benedict, *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*, São Paulo, Edições 70, 1991.

as fronteiras impenetráveis seguem produzindo epistemicídios literários, reduzindo ou destituindo de sentido as superposições, as intersecções, as nuances e as sombras que múltiplas obras literárias são capazes de produzir.

Assim como as fronteiras territoriais / nacionais são ficções, normas de gênero e sexualidade são também ficções (políticas) naturalizadas que produzem identidades de gênero e sexualidade, excluindo, incluindo, violentando, sublimando e/ou hierarquizando as suas dimensões humanas. A crítica e a história literária ainda silenciam (ou domesticam) as dissidências de gênero e sexualidade. Se a hipótese de Daniel Balderston<sup>2</sup> é verdadeira, de que a crítica e o cânone literário estão cem anos atrasados em relação à literatura quando o assunto é sexo, então, como sugeriu Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>3</sup>, é preciso verificar sempre o quanto há de Igreja, de Estado e de Tribunal em cada crítico e historiador literário.

A crítica, portanto, precisa fazer fracassar aquilo que ela ainda tem de moderna, de colonial, de territorial, de binária, de racista, de cisgênera e de heteronormativa. A crítica talvez ainda precise viver o seu *carnaval*. Ao propormos o dossiê *Trânsitos, travessias e transições: corpo e espaço na literatura ibero-americana*, estávamos interessados em reflexões que transitassem e emba-ralhassem não apenas fronteiras nacionais, mas que, sobretudo, atravessassem as normatividades de gênero e sexualidade e que dialogassem com epistemologias minoritárias ao lerem a literatura ibero-americana, tendo em vista a profusão de obras que nos últimos tempos vieram a público.

A tarefa não é fácil.

Se por um lado, vemos a crítica recorrer às políticas identitárias como forma de embate à “ideologia dominante”, por outro, encontramos uma produção ininterrupta, mas não sistemática, de obras que investem na instabilidade das identidades e provocam fraturas no edifício canônico. As teorias queer, decolonial e transfeminista são suporte possível não para a compreensão da instabilidade ou da fratura, mas são os instrumentos de instabilidade e de fratura do edifício canônico – contra toda forma fixa que se queira sustentar e suportar. No entanto, infelizmente, as perspectivas hegemônicas subsistem quando emergem categorias, paradoxais de fundo, como a identidade queer...

De imediato, imaginamos que teríamos uma ruidosa resposta por parte dos investigadores das culturas ibero-americanas, o que não se concretizou e, por isso, deixou-nos dúvidas a respeito do desenvolvimento de pesquisas que tanto envolvessem o cânone, quanto a sua possível discussão propiciada pela absorção das perspectivas ofertadas pelas teorias queer, decoloniais, transfeministas. Ao invés de encontrarmos investidas às obras canônicas, chegaram-nos contribuições valiosas, mas que se desviam das imaginadas rotas de colisão e dão relevo a objetos desprezados ou silenciados pelo cânone. Contudo, é também pelas margens do cânone que se chega à sua estrutura.

A discussão, a reflexão, o estudo dos objetos marginalizados e desprezados fazem-nos chegar ao âmagô canônico e observá-lo em toda a sua dimensão ideológica – como propunha Barthes, em 1975, pondo em causa toda a ideologia. No entanto, ou investimos contra os sistemas que permanecem inatacáveis, ou nossos esforços poderão ficar relegados a notas de pé de página

2. BALDERSTON, Daniel, *El deseo, enorme cicatriz luminosa: ensayos sobre homosexualidades latino-americanas*, Buenos Aires, Beatriz Viterbo, 2004.

3. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4, Rio de Janeiro, Editora 34, 2008.

ou a apêndices de uma tradição, caduca, mas que ainda demonstra vigor suficiente para sobreviver, canonizada.

Encobertos pelos discursos identitários, o sexo e a sexualidade, afinal, nesses tempos de tanto vigor conservador, parecem ter sido relegados a um segundo plano, em detrimento de identidades ainda necessariamente fixas, ainda urgentemente fixas<sup>4</sup>, apesar de toda literatura nascida e gestada pelo desejo, pelo sexo e pela sexualidade, desde o *Cântico dos Cânticos*, o *Kama Sutra*, *Satiricon* ou o *Decameron*.

Neste dossiê, Iberic@l apresenta um panorama de reflexões necessárias e urgentes, com valiosas recuperações de obras esquecidas e/ou silenciadas, com três contribuições que discutem a autoria, a representação e a sociabilidade lésbica no contexto português e brasileiro, duas que discutem masculinidades dissidentes no contexto brasileiro e argentino, e uma que recupera autobiografias de autores brasileiros trans.

Em *Por tierras de Portugal com Carmen e Ramón: negociações transibéricas de gênero e sexualidade*, a partir de uma quantidade significativa de romances de Carmen de Burgos e Ramón Gómez de la Serna, Anna Klobucka mapeia as redes de convivência feminina e lésbica no início do século xx em Portugal, ao mesmo tempo que procura reconstruir o lugar das mulheres no Modernismo nacional ou transnacional produzido em Portugal, que foram, segundo Koblucka, sistematicamente silenciadas pelo cânone.

Também investigando a ausência de escritoras no cânone literário português do início do século xx e reconstruindo as redes de sociabilidade dessas autoras, Eduardo da Cruz, a partir de vasta pesquisa em arquivos e seguindo os passos de Anna Klobucka na reconstrução de uma “herstory” literária, em *Vestígios de uma relação: ler Virgínia Victorino no arquivo de Olga Morais Sarmiento*, aponta para as relações homoafetivas de Virgínia Victorino e Olga Morais Sarmiento, assim como propõe uma releitura do arquivo e da obra das duas autoras a partir dessa relação amorosa.

Emerson Inácio e Claudiana Gois dos Santos finalizam as discussões sobre lesbianidades, com o artigo *Autorias e representações lésbicas na literatura contemporânea brasileira: fronteiras e futuros*, observando não só as relações entre mercado editorial e crítica literária, mas também as fronteiras entre estética e política, entre trabalho estético e teórico, tanto a partir da crítica lésbica, com Natalia Borges Polesso e Gloria Anzaldúa, quanto a partir dos poemas da obra *Lundu*, de Tatiana Nascimento. Segundo os autores, Nascimento não só opera importantes mudanças entre estética e política, como também ocupa uma importante lacuna no mercado editorial e na criação literária.

As masculinidades dissidentes são outro importante tema desse dossiê, sendo discutidas a partir dos artigos *O indizível desejo erótico em Cabaré Vibrátil*, de Djalma Thürler, e *Un dandi en las pampas: masculinidades alternativas em Arturo Jacinton Álvarez*, de Jorge Luis Peralta. No primeiro, Thürler investiga as contribuições da dramaturgia, da filosofia e da política à crítica e à escrita das masculinidades. Além disso, a partir da análise do texto teatral *Cabaré Vibrátil*, o investigador argumenta que a arte pode desafiar e pluralizar a noção hegemônica de masculinidade.

Peralta, a partir da vida e da obra do argentino Arturo Jacinto Álvarez, analisa não só a masculinidade dissidente do dândi “amanerado”, criado, vivido e mitificado por Álvarez, como

---

4. SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Other Asias*, Malden, Massachusetts, Blackwell Publishing, 2007, p. 260.

também estabelece uma leitura comparada com a obra do inglês Denton Welch, que trabalha com modelos alternativos de masculinidade e tópicos homoeróticos, o que permitiu, segundo Peralta, um profícuo diálogo entre Álvarez e Welch.

Encerrando o dossiê *Trânsitos, travessias e transições: corpo e espaço na literatura ibero-americana*, a partir das autobiografias de duas pessoas trans brasileiras, Madame Satã e Jorge Lafond, Mário César Lugarinho e Caio Jade Puosso discutem temporalidades africanas e ameríndias articuladas às noções de memória e ancestralidade. Os autores entendem que as autobiografias analisadas terminam por reatualizar princípios cosmológicos que provocam cisões tanto em perspectivas temporais quanto em questões étnicas e de sexo/gênero ocidentalizadas.

Por fim, agradecemos a Nu Abe (@nu\_\_abe) pela liberação da foto “Rouge mar”, que abre a capa desta edição, e acreditamos que, com esse volume, mais reflexões serão fomentadas e incentivadas para que consigamos, enfim, estar à altura do legado barthesiano.